

Unidade 8



Redes sociais e prevenção do uso de drogas no contexto da escola

Ao final desta unidade, você deverá ser capaz de:

- Identificar situações de risco decorrentes do envolvimento com drogas entre os adolescentes por meio da avaliação das redes sociais.
- Relacionar a diversidade de fatores contextuais e pessoais que constituem risco ou proteção para o uso de drogas na adolescência.
- Compreender os modelos de prevenção na escola.
- Identificar posturas preventivas ao consumo de drogas no cotidiano escolar.

O QUE ABORDAREMOS NESTA UNIDADE ?

Temática: Redes sociais e prevenção do uso de drogas no contexto da escola

Vídeo: *Qual é a boa?*

Textos:

Trabalhando com prevenção na família, na escola e na comunidade

Situações de risco e situações de proteção nas redes sociais de adolescentes



Atividades de aprendizagem:

Fórum temático

Atividade colaborativa

Exercício objetivo

Tópicos para aprofundamento

- As ações de prevenção podem ser feitas em três níveis: prevenção universal, prevenção seletiva e prevenção indicada.
- Um trabalho de prevenção deve basear-se na realidade de um grupo específico.
- Existem vários modelos possíveis de prevenção na escola: conhecimento científico, educação afetiva, oferta de alternativas, educação para a saúde, modificação das condições de ensino.
- Um trabalho de prevenção eficaz utiliza a combinação de diferentes modelos.
- As relações que o adolescente vivencia e estabelece com o mundo influenciam a forma como ele se percebe, como estrutura sua identidade e desenvolve seus hábitos de autocuidado, projetos de vida e perspectivas. O conjunto dessas relações é sua rede social.
- A rede social possui: características estruturais – tamanho, densidade, composição ou distribuição, dispersão, homogeneidade ou heterogeneidade. As funções da rede: companhia social, apoio emocional, guia cognitivo e de conselhos, regulação social, ajuda material e de serviços, acesso a novos contatos. Os atributos do vínculo: função predominante, multidimensionalidade, reciprocidade, intensidade, frequência, história.
- Fatores de risco podem ser definidos como sendo as circunstâncias psicossociais que tornam o indivíduo mais vulnerável ao envolvimento com o uso indevido de drogas.
- Por fatores de proteção entendem-se aqueles que contrabalançam as vulnerabilidades, levando a uma menor chance de a pessoa assumir comportamentos de risco.



Confira o seu aprendizado por meio dos exercícios objetivos disponíveis na plataforma e realize as atividades coletivas. Bom trabalho!



Assista ao vídeo 8 – Qual é a boa?

Inicie esta unidade assistindo ao vídeo 8, que ilustra a importância do adolescente se sentir pertencente a um grupo de referência. É esse sentimento que faz o jovem buscar as redes sociais: a família, a escola, os amigos e a comunidade. No entanto, essas redes podem funcionar como fatores de proteção ou como fatores de risco para o uso de drogas, dependendo do contexto, da natureza e da qualidade dessas relações no momento de vida específico do adolescente.

Resumo do vídeo – Qual é a boa?

Vimos, nesse episódio, que o personagem Marcílio, devido à necessidade de ser aceito por seus novos colegas e sentindo falta de amigos na nova cidade, ficou exposto e vulnerável ao consumo de drogas. Vimos também que, apesar de não gostar de beber, ficou mobilizado pelo convite de curtir uma cerveja em um contexto de sedução exercido por Suzane e pela possibilidade de conhecer as amigas dela. Ao mesmo tempo, ficou interessado pelo convite do colega para experimentar maconha e, sobretudo, para se enturmar com a galera. Nesse momento, aparece uma terceira alternativa: sua mãe vem convidá-lo para um passeio em companhia de Mainá – outra nova colega. Para a decepção de Suzane e Nonato, Marcílio optou pelo programa com a família que, por sua vez, soube como oportunizar sua inserção na nova cidade ao convidar Mainá para sair com eles.

Observe, neste vídeo, a banalização do consumo de cerveja e até de caipirinha pelas garotas. Suzane justifica seu hábito de beber, pois esse, infelizmente, também é banalizado em seu contexto familiar e social. Fica colocado, ainda, o quanto a inocente busca por uma turma pode trazer risco de envolvimento com drogas, tanto lícitas como ilícitas, e como este envolvimento, frequentemente, funciona como fator facilitador para pertencer a um grupo.

Chamamos a atenção dos educadores para essa questão porque não existe consumo de drogas por adolescentes sem que haja potencial de risco.

O vídeo mostra que a melhor estratégia de prevenção é conhecer e reconhecer as redes sociais dos adolescentes, estimulando as que são benéficas. Isso significa potencializar as redes que deem ao adolescente a sensação de acolhimento de que ele tanto necessita para se desenvolver de forma saudável.

Para refletir



Aproveite este momento e reflita:

- Como você avalia a situação de Marcílio diante do convite dos colegas?
- O que funcionou como fator de proteção na rede social de que Marcílio faz parte?
- Quais os pontos dessa rede que funcionaram como fatores de risco?

O modelo sistêmico da educação para a saúde propõe a redução dos fatores de risco e a otimização dos fatores de proteção como estratégia de prevenção do uso de drogas entre os adolescentes. Os textos desta aula fundamentam teoricamente essa perspectiva, esclarecendo conceitualmente a metodologia das redes sociais no cenário dos diversos modelos de prevenção descritos na literatura e possíveis de serem usados no contexto da escola. Leia com atenção para poder fazer uma escolha consciente pelo modelo de prevenção mais adequado à realidade da sua escola.

TRABALHANDO COM PREVENÇÃO NA FAMÍLIA, NA ESCOLA E NA COMUNIDADE

Helena M. B. Albertani

Sandra Scivoletto

Maria de Lurdes S. Zemel



O problema do uso de drogas está disseminado em todos os lugares. Escolas, clubes, condomínios, comunidades, todos enfrentam essa questão. Muitas vezes, por não saber como abordar o problema, não se toma iniciativa para tentar resolvê-lo. Como são muitos e diversos os fatores que causam os problemas decorrentes do abuso de drogas, uma ação isolada não é suficiente. **São necessárias ações conjuntas**, em diferentes níveis, realizadas e dirigidas para os diversos grupos que compõem a comunidade.

Na definição das estratégias de prevenção, é preciso considerar que as palavras e as informações não bastam. É importante que todas as pessoas envolvidas tenham oportunidade de refletir sobre seus comportamentos e sobre suas opções de vida, **procurando identificar os caminhos para uma vida mais saudável**.

Já se sabe que, a cada dólar gasto em prevenção, economizam-se de quatro a cinco dólares em tratamento e que o aumento no consumo de álcool pode ser relacionado ao aumento das intervenções agudas em saúde em detrimento das intervenções de prevenção em saúde.

Prevenção primária, secundária e terciária

Pode-se trabalhar os níveis de prevenção segundo a seguinte classificação:

Prevenção primária – O objetivo é evitar que o uso se instale ou retardar o seu início.

Prevenção secundária – Destina-se às pessoas que já experimentaram ou as que usam moderadamente e tem como objetivo evitar a evolução para usos mais frequentes e prejudiciais. Isso implica o diagnóstico e o reconhecimento precoce dos que estão em risco de evoluir para usos mais prejudiciais.

Prevenção terciária – Refere-se às abordagens necessárias no processo de recuperação e reinserção dos indivíduos que já têm problemas com o uso ou que apresentam dependência.

Porém, atualmente, fala-se em níveis de prevenção universal, seletiva e indicada:

O que é?	Onde se aplica?
Intervenção universal – são programas destinados à população geral, supostamente sem qualquer fator associado ao risco.	Intervenção universal – na comunidade, em ambiente escolar e nos meios de comunicação.
Intervenção seletiva – são ações voltadas para populações com um ou mais fatores associados ao risco de uso de substâncias.	Intervenção seletiva – por exemplo, em grupos de crianças, filhos de dependentes químicos.
Intervenção indicada – são intervenções voltadas para pessoas identificadas como usuárias ou com comportamentos de risco relacionados direta ou indiretamente ao uso de substâncias, como por exemplo, alguns acidentes de trânsito.	Intervenção indicada – em programas que visam diminuir o consumo de álcool e outras drogas, mas também a melhoria de aspectos da vida do indivíduo como, por exemplo, desempenho acadêmico e reinserção social.

Os níveis de prevenção são um *continuum*, sem limites claros, muitas vezes, entre prevenção primária, secundária e terciária.



Na infância, as intervenções preventivas abordam a **promoção de saúde** em uma perspectiva ampla e podem ser feitas com orientação adequada aos pais e professores, usando a criatividade e diversas atividades para propiciar a aquisição de habilidades e experiências que tenham efeito protetor.

A prevenção voltada para os **adolescentes** é feita principalmente nas **escolas**, por ser esse o local que, idealmente, todos os jovens deveriam frequentar.

É mais fácil iniciar um trabalho de **prevenção nas escolas**, que têm uma estrutura organizada, voltada para passar informações e dar orientações aos alunos e que mantêm contato com os pais. Entretanto, não é na escola que a prevenção atingirá os jovens de maior risco. Os jovens com problema de conduta, geralmente, abandonam a escola e não se envolvem com regularidade em atividades nas quais também podem ser alvo de ações preventivas.

Nesse caso, ações desenvolvidas na **comunidade** seriam mais indicadas. Para mobilizarmos um grupo dentro da comunidade, muitas vezes, é preciso iniciar algum trabalho em uma instituição da região, que pode ser uma escola a partir da qual, com o envolvimento dos alunos, pais, professores e funcionários, poderíamos expandir as ações para a comunidade ao seu redor, envolvendo líderes comunitários, religiosos e grupos de jovens.

É necessário que as ações sejam desenvolvidas em vários âmbitos e integradas entre as diferentes áreas sociais.

O que precisamos saber para fazer prevenção?

Dada a complexidade do problema do uso de drogas, que envolve a interação de fatores biopsicossociais, o campo das ações preventivas é extremamente abrangente e envolve aspectos que vão desde a formação da personalidade do indivíduo até questões familiares, sociais, legais, políticas e econômicas.

Trabalhar nessa área é complexo, visto que exige **apoio, conhecimento, criatividade** e, mais do que isso, exige **uma equipe** motivada e persistente, que acredite na capacidade de crescimento do indivíduo e da sociedade.

Apoio

É necessário que as lideranças da comunidade ou da instituição em que se desenvolverá o programa sejam sensibilizadas para que apoiem e se envolvam na implantação, no desenvolvimento e na manutenção do programa.

Conhecimento

Os programas certamente serão feitos e aplicados por uma equipe de trabalho. Treinar e cuidar dessa equipe é tão importante quanto conhecer a matéria com a qual se trabalhará. Esse treinamento inclui:

- conhecimento científico;
- disponibilidade de estudar para se manter atualizado;
- aprendizado na tolerância à frustração e na ampliação dos próprios limites;
- trabalhar com grupos;
- persistência e paciência para implantação de mudanças lentas, graduais e continuadas;
- exame dos próprios preconceitos em relação à questão;
- criatividade para apresentar o material a ser estudado para que a aprendizagem se faça com a vivência;
- postura aberta e de reflexão.



Definição de objetivos e estratégias

A implantação de um programa inclui a definição de objetivos e estratégias que atendam às necessidades da comunidade em que estaremos atuando. Por exemplo, devem-se considerar: os dados culturais do local, quais são as drogas de abuso, quais são os níveis de consumo, quais são as crenças e os valores da comunidade, o que se espera e o que é possível fazer.

Definição de recursos

É importante identificar os recursos humanos e físicos da própria comunidade para que uma ação não seja interrompida com a justificativa de que “sozinhos não podemos caminhar” ou de que não existem condições de continuidade. Se os recursos são poucos, é necessário buscar ampliá-los.

Fazer prevenção não é uma tarefa fácil. Além da preparação da equipe, definição de objetivos e do estabelecimento do apoio, temos de contar com dados da realidade externa que influenciam no nosso trabalho e estar atentos a novos fatores que possam interferir. Por exemplo, uma nova droga introduzida no mercado ou novos hábitos que vêm fazer parte daquela comunidade devem ser considerados.

Nas atividades com a prevenção, os resultados não são observados imediatamente, mas certamente a prevenção vale a pena.

Como fazer prevenção?

O mais importante antes de qualquer iniciativa é **o planejamento**, para que esforços isolados não sejam desperdiçados. Toda ação isolada terá certamente um impacto, que pode ganhar proporções muito maiores se as ações estiverem voltadas para um **objetivo comum, que atue de forma coordenada**.

Muitas vezes, é mais indicado que as propostas sejam iniciadas em comunidades menores, em que o processo de mobilização pode ocorrer mais facilmente.

Prevenção na família



A família é a célula formadora da comunidade, portanto não é possível desenvolver ações preventivas na comunidade sem que ela participe.

Tanto a família quanto a escola são parte de um grupo maior que chamamos comunidade.

Cada comunidade, como cada família ou como cada escola, tem sua história, sua localização, seus valores, seus projetos e seus problemas. Conhecer todas essas dimensões ajuda a fazer planejamentos realistas e a realizar ações mais eficazes.

Prevenção na escola

O que precisamos saber para fazer prevenção na escola?

- É na adolescência que as pessoas realizam maior número de experiências. Essa é a **principal clientela das escolas**.
 - A escola é o espaço no qual os **adolescentes vivem muito tempo** de suas vidas.
 - A escola é um **ambiente privilegiado** para reflexão e formação de consciência.
 - A escola sempre exerceu **papéis culturais** e políticos.
- **papéis culturais** – a construção do conhecimento;
 - **papéis políticos** – organização de grupos, favorecimento à resolução de conflitos sociais e psicológicos e desenvolvimento de determinadas posturas éticas, sociais e políticas.

Essa não é, entretanto, uma responsabilidade exclusiva da escola.

- Como instituição educacional, a atuação da escola dirige-se ao conjunto dos alunos, a chamada **prevenção universal**. Cabe especificamente à escola participar do trabalho de **prevenção primária**, ou seja, antecipar-se à experimentação, por meio de ações cujo objetivo é evitar problemas decorrentes do uso de risco.
- Os educadores devem estar conscientes de que existem, entre os alunos, os que já têm problemas com o uso de drogas. Para eles, podem ser previstas ações de **prevenção secundária**, às vezes fora da sala de aula, que procurem reverter o processo ou evitar que o uso se torne crônico, agravando os seus danos ou levando à dependência.

Não se trata, portanto, de um trabalho pontual diante da constatação do consumo de drogas naquela unidade escolar, mas de uma decisão de atuar na formação integral dos alunos com as circunstâncias do mundo de hoje, pois o uso de drogas é um dos aspectos que deve ser considerado.



Nesse contexto, é importante que **a escola, ao fazer um programa de prevenção:**

- defina seus objetivos;
- estabeleça suas metas;
- trace estratégias coerentes com a filosofia da escola;
- avalie suas ações.

O primeiro dilema: **Que postura adotar?**

Guerra às drogas? Um combate às drogas para eliminar seu uso?

Redução de danos? Um trabalho para diminuir os riscos causados pelo consumo?

O enfoque da “redução de danos”, em oposição à “guerra às drogas”, sustenta-se como o **mais realista**, uma vez que não é possível nem desejável eliminar todas as formas de substâncias psicoativas da sociedade. Esse enfoque é o **mais eficaz**, pois é possível diminuir problemas sérios relacionados a acidentes e doenças, mediante o uso circunstanciado e controlado de determinadas drogas, como o álcool e certos medicamentos, por exemplo.

Os adolescentes dificilmente se sensibilizam com abordagens do tipo “diga não às drogas”, “droga mata” ou que mostrem pessoas “no fundo do poço”. São próprias dessa faixa etária, as fantasias de onipotência ou pensamentos como “isso não vai acontecer comigo” e “eu paro quando quiser”.

O trabalho de prevenção terá mais probabilidade de sucesso se:

- for integrado ao currículo escolar;
- for desenvolvido cooperativamente;
- aproveitar os diferentes recursos humanos e materiais da escola e da comunidade em que está inserido;
- usar espaços já criados em vez de tentar encontrar novos espaços, o que favorece a aceitação das intervenções propostas;
- forem planejadas ações que possam ser desenvolvidas com continuidade;
- envolver toda a escola gradativamente;
- os professores forem bem preparados para lidar com seus medos e preconceitos;
- a cultura específica da comunidade for respeitada.

Não é possível trabalhar a questão na escola como se ela fosse uma ilha. O reconhecimento de fatos e mitos a respeito do assunto, da situação real de uso e abuso de drogas em diferentes realidades, assim como as ideias e os sentimentos dos alunos, da comunidade e dos pais a respeito do assunto precisam ser considerados.

As **ações preventivas** na escola podem ser orientadas por **diferentes modelos**, que não são excludentes entre si. Constituem guias de ação e sua combinação e adaptação são altamente desejáveis para melhor servir à realidade local. São eles:

- 1) conhecimento científico;
- 2) educação afetiva;
- 3) oferta de alternativas;
- 4) educação para a saúde;
- 5) modificação das condições de ensino.

Vejamos cada um deles:

Modelo	Objetivo	Ação	Sugestões
Conhecimento científico	Propõe o fornecimento de informações de modo imparcial e científico. A partir das informações, os jovens poderiam tomar decisões conscientes e bem fundamentadas sobre as drogas.	1) oficinas e debates com profissionais de saúde; 2) leitura de livros; 3) discussão de filmes.	Filmes: <i>O Informante</i> – diretor Michael Mann, 1999. <i>Trainspotting</i> – diretor Danny Boyle, 1996. Livros: 1) <i>Liberdade é poder decidir</i> – sobre drogas – de Maria de Lurdes Zemel e Maria Eliza Lamboy, São Paulo: FTD, 2000. 2) <i>Doces Venenos: conversas e desconversas sobre drogas</i> , de Lygia R. Aratanga, São Paulo: Olho D'Água, 1991. 3) <i>Drogas – Mitos e Verdades</i> , de Beatriz Carlini Cotrin, Ática, 1997.
Educação afetiva	Parte da observação de que os jovens mais bem estruturados e menos vulneráveis, do ponto de vista psicológico, estão menos sujeitos a abusar das drogas.	Procedimentos que devem ser iniciados na infância, visando melhorar ou desenvolver no jovem: - a autoestima; - a capacidade de não se envolver no uso problemático; - a habilidade de decidir e interagir em grupo; - a capacidade de lidar com a ansiedade e a frustração; - a capacidade de resistir à pressão de grupos.	Serviços de orientação educacional. Para desenvolver a afetividade e a autoestima; atividades grupais organizadas para cuidar da integração, participação e liderança grupal. O próprio projeto pedagógico da escola deve preocupar-se com esses procedimentos e incorporá-los ao cotidiano.
Oferta de alternativas	Trata da oferta de desafios, prazeres e realizações proporcionadas por outros meios que não incluam o consumo de drogas.	- criação e gestão de atividades empresariais; - orientação escolar para alunos mais jovens; - práticas esportivas desafiadoras; - atividades artísticas variadas.	Torneios esportivos, criação e gestão de hortas comunitárias ou cooperativas de produtos e serviços. Atividade de monitoria ou ajuda mútua, com alunos mais adiantados, auxiliando os mais atrasados ou alunos de séries mais adiantadas, devidamente preparados.
Educação para a saúde	Pôr a educação a serviço de uma vida saudável.	Pretende formar um cidadão consciente em relação aos riscos que o cercam e com capacidade de escolher uma vida mais saudável.	A discussão de temas gerais, como importância da água no planeta, poluição, trânsito; atividades de plantio ou aproveitamento dos alimentos; cuidados com o corpo (desde escovar os dentes, lavar as mãos antes das refeições até fazer sexo seguro). Obs.: Essas atividades podem ser desenvolvidas desde a educação infantil.
Modificação das condições de ensino	A preocupação recai na formação integral do jovem, não apenas na prevenção do uso de drogas.	Projeto Político Pedagógico da Escola. Criar condições para melhorar o convívio escolar tornando a escola alegre e prazerosa. Oferecer condições para que o jovem possa se expressar e desenvolver atividades de seu interesse. Realizar atividades e projetos que envolvam os pais e a comunidade. Possibilitar que estas e outras ações sejam de caráter duradouro.	Melhorar a condição de ensino que inclui autorizar o professor, credibilizar o conhecimento e respeitar o aluno. Esse modelo tem seis orientações básicas, que podem ser aplicadas em conjunto: a) modificação das práticas de ensino; b) melhoria da relação professor-aluno; c) melhoria do ambiente escolar; d) incentivo ao desenvolvimento social; e) oferta de serviços de saúde; f) envolvimento dos pais ou cuidadores em atividades curriculares.

O foco principal do trabalho da escola deve ser a reflexão, que contribua para a visão crítica das situações e dos problemas e para o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de escolha dos adolescentes.

O trabalho de **prevenção na escola** não surge, portanto, de uma necessidade localizada, não pretende reprimir os adolescentes, nem ensiná-los a “dizer não às drogas” ou fazer terrorismo sobre uma “tragédia iminente”. Também não se trata de acumular mais uma tarefa no sobrecarregado cotidiano do professor.

A prevenção do uso de álcool e de outras drogas é uma tarefa que integra a sua função educacional e deve fazer parte do seu projeto pedagógico. Quando compartilhada pelos educadores, pode ser percebida em um contexto de construção da responsabilidade social do grupo de alunos.

SITUAÇÕES DE RISCO E SITUAÇÕES DE PROTEÇÃO NAS REDES SOCIAIS DE ADOLESCENTES



*Juliana Santos Borges
Maria Fátima Olivier Sudbrack
Marília Mendes Almeida*

A prevenção do uso de drogas pode adotar diferentes visões. Para trabalhar a prevenção em adolescentes no contexto escolar, a visão relacional sistêmica traz ao educador a prática de redes sociais. Dessa maneira, possibilita englobar as diferentes formas pelas quais o adolescente se sente pertencente a um grupo de pessoas.

Esse grupo de pessoas que se relaciona e interage de maneira regular e que ele identifica como sendo pessoas significativas forma a sua rede social. **Rede social** é, então, o conjunto de relações significativas de uma pessoa.

A rede social contribui para o autorreconhecimento. Na adolescência, as relações que o indivíduo vivencia e estabelece com o mundo influenciam na forma como ele se percebe, como estrutura sua identidade e como desenvolve seus hábitos de autocuidado, projetos de vida e perspectivas.

A forma como o adolescente se relaciona com as pessoas à sua volta pode se constituir em um fator de risco ou um fator de proteção:

Fatores de risco são aquelas situações que aumentam a probabilidade de o adolescente assumir comportamentos de risco, tais como usar drogas.

Fatores de proteção são aqueles que diminuem a probabilidade de o adolescente assumir tais comportamentos de risco.

Para uma organização didática, algumas situações são classificadas como sendo fatores de risco ou de proteção, como veremos mais adiante. No entanto, é preciso entender que os fatores que representam risco para um determinado adolescente podem representar proteção para outro. Por exemplo, um adolescente tímido pode precisar usar drogas para se expressar melhor e assim entrar em um grupo de amizades. Em contrapartida, a timidez de outro adolescente pode afastá-lo de um grupo em que haja consumo de drogas. Um pai que tem um consumo exagerado de álcool pode incentivar um adolescente a ter contato com bebidas alcoólicas precocemente. Já em outro caso, o consumo de álcool em excesso do pai pode servir como um exemplo a não ser seguido pelo adolescente.

Vemos, então, que os fatores de risco e de proteção obedecem a uma lógica muito individual e ganham sentido de forma única para cada um. Por isso, o educador deve estar atento aos adolescentes e não ter concepções pré-formadas.

A visão sistêmica da adolescência e a problemática da droga lançam aos educadores desafios: compreender o adolescente e os grupos aos quais ele pertence (escola, família, comunidade, amigos) com um olhar relacional e agir por meio de intervenção contextualizada à realidade do adolescente e de suas relações.

A rede social, portanto, é de fundamental importância para uma compreensão mais inteira dos processos de integração psicossocial, de promoção do bem-estar, de desenvolvimento da identidade e de consolidação dos potenciais de mudança. No caso da prevenção desenvolvida no contexto da escola, a proposta é que o educador, por ter a possibilidade de contato com o aluno adolescente, possa vê-lo não somente como um indivíduo com problemas pessoais, mas também como um indivíduo que se constrói e se reconstrói na própria rede social, da qual o educador, a escola, os colegas, a família e a comunidade fazem parte.

Nesse sentido, as questões enfrentadas pelo educador na escola não se referem unicamente ao aluno, mas a todo o sistema no qual ele se inclui.

Na prática de redes sociais, o papel do educador se amplia à medida que: ele se reconhece como parte da rede dos alunos; reconhece outras pessoas e instituições dessa rede; entende qual a função que cada integrante da rede está exercendo na vida do adolescente e identifica riscos e potenciais presentes nessas relações.

Mapeamento das redes sociais

Para auxiliar o educador nessa tarefa, existe um modelo de avaliação de **rede social** que propõe que as relações de um adolescente sejam entendidas em níveis gradativos de intimidade e em diferentes locais ou contextos de pertencimento (família, amigos, relações escolares ou de trabalho, relações comunitárias, de serviço ou de credo).

Esse modelo propõe ainda que a rede e as relações possuam determinadas características, funções e atributos. Vejamos, então, detalhadamente os três níveis de análise da rede social.

Características estruturais

São as propriedades da rede em seu conjunto como:

- tamanho: o número de pessoas existentes;
- densidade: a conexão entre os membros, independentemente do adolescente, ou seja, se as pessoas mantêm contato e conversam sobre o adolescente, mesmo sem este estar presente;
- composição ou distribuição: concentração de pessoas em cada contexto de pertencimento em relação ao número total de pessoas;
- dispersão: distância geográfica entre os membros ou possibilidade de acesso aos membros da rede;
- homogeneidade ou heterogeneidade: diferenças de idade, sexo, nível socioeconômico e cultural;
- atributos do vínculo: intensidade, compromisso da relação, durabilidade e história em comum.

As funções específicas da rede

São as formas predominantes de relacionamento que se estabelecem entre **o adolescente** e as pessoas com as quais ele convive, as pessoas da rede.

- companhia social: realização conjunta de atividades ou compartilhamento da rotina cotidiana;
- apoio emocional: pessoas mais íntimas, que permitem um clima de compreensão, simpatia, empatia e estímulo;
- guia cognitivo e de conselhos: interações destinadas a compartilhar informações, esclarecer expectativas etc.;
- regulação social: interações que lembram e reafirmam responsabilidades e papéis, neutralizam os desvios de comportamento, favorecem resolução de conflitos etc.;
- ajuda material e de serviços: pessoas ou instituições que contribuem com informações e conhecimento sobre serviços e necessidades materiais;
- acesso a novos contatos: pessoas ou instituições que ajudam a ampliar a rede social, por meio de conexões com novas pessoas.

Os atributos do vínculo

São as formas como cada relação se comporta dentro da rede social como:

- função predominante ou combinação de funções que caracterizam predominantemente cada vínculo;
- multidimensionalidade ou o número de funções que cada vínculo desempenha;
- reciprocidade entre as funções desempenhadas pelo adolescente e a pessoa da rede em questão;
- intensidade, compromisso ou grau de intimidade da relação;
- frequência ou manutenção ativa dos contatos;
- história da relação.



Em relação à proposta de trabalho junto a educadores e alunos de escola pública para prevenção do uso de drogas, o mapeamento de redes sociais permite nomear a rede pessoal, torná-la visível e material, tanto para o aluno, como para o educador e para a escola. Esse é o primeiro passo para conhecer e ter um primeiro contato com a rede.

Ações de intervenção baseadas na prática de redes sociais ampliam as possibilidades do educador. O educador pode, junto ao adolescente, pensar quais pessoas da rede podem se aproximar mais, relações que podem ser fortalecidas, quais relações estão protegendo o adolescente. Da mesma forma, adolescente e educador podem refletir sobre quais relações estão aproximando o adolescente de situações de risco. Nessa situação, o que poderia ser modificado?

Além disso, à medida que o educador e os alunos começam a se ver como parte constituinte da identidade uns dos outros, passam também a desenvolver relações de maior confiança entre si. Assim, é bem possível que emergja a questão da droga que permeia a rede social de forma mais ampla e também mais específica, criando um ótimo contexto para se articular propostas de prevenção do uso de drogas na adolescência.

Um adolescente que não tem muitas relações ou que suas relações não têm qualidade, que não são afetivas, que não o protegem, é um adolescente em contexto de risco, de vulnerabilidade para o uso de drogas.

Quais seriam então os mecanismos ou processos mediadores entre a rede social e a saúde do indivíduo?

Não só o tamanho, mas a densidade da rede tem influência sobre a saúde e o bem-estar do adolescente. Ou seja, a forma com que as pessoas que compõem a rede se relacionam entre si pode proteger ou colocar o adolescente em risco. Se as pessoas importantes na vida do adolescente estão conversando, se a escola

conversa com a família, se a família conversa com os amigos, essas pessoas podem compartilhar questões, preocupações, alegrias sem que uma determinada pessoa fique sobrecarregada. Essas pessoas podem juntar forças para proteger e cuidar desse adolescente.

No entanto, é importante que essas relações não sejam estreitas demais ao ponto de não permitir que o adolescente tenha espaços diferenciados, ou seja, espaços nos quais possa ficar só ou ficar com seus pares. Por exemplo, se a família e os amigos têm uma relação tão próxima a de o ponto do adolescente não diferenciar o espaço da família e o espaço dos amigos, essa é uma rede que pode colocar o adolescente em risco. Em vez de ter dois espaços em que ele pode exercer diferentes papéis, se ver de diferentes formas, o adolescente tem apenas um. Com isso, ocorre um empobrecimento de lugares sociais.

Outro fator de risco que pode afetar a rede é a ocorrência de adoecimentos prolongados, sejam eles físicos ou mentais. Doenças podem gerar afastamento e isolamento do adolescente de sua rede. O adolescente pode parar de procurar as pessoas à sua volta, as pessoas podem se afastar, e independente do que aconteceu primeiro, se o afastamento ou a doença, uma coisa pode levar a outra, numa espécie de círculo vicioso. Isso acontece quando a doença diminui a reciprocidade entre aquele que está doente e as pessoas à sua volta, tornando, assim, os comportamentos de cuidado para com ele pouco gratificantes.

Como pensar, no âmbito da saúde, os processos acima descritos em relação ao uso de drogas e seus efeitos sobre a rede social pessoal do adolescente?

Quando o adolescente se envolve com o uso de álcool e outras drogas, uma rede social estável, sensível, ativa e confiável tem maior capacidade de proteger o adolescente, atuando como agente de ajuda, encaminhamento à utilização de serviços de saúde ou ampliação e ativação de outros serviços ou pessoas, a fim de lidar com as demandas que começam a surgir.

Adolescentes que se envolvem em situações de consumo de drogas geram conflitos e questões que podem diminuir a qualidade de vida, a qualidade de suas relações e o potencial de proteção de alguns grupos aos quais o adolescente pertence.

A longo prazo, a tendência é que os grupos de relações que não compartilham do uso de drogas se afastem afetivamente do adolescente. Por exemplo, é comum a tendência de escolas de isolar ou expulsar o adolescente que faz uso de drogas; da família tomar posturas rígidas, sem diálogo, o que diminui a afetividade da relação; ou de amigos se afastarem. Dessa forma, o adolescente tem cada vez menos espaço para se relacionar em contextos sem a presença de drogas.

Nesse sentido, as relações do adolescente são abaladas por seu uso de drogas. É importante compreender como o uso afeta a rede, como a rede reage: as pessoas da rede se mobilizaram para proteger o adolescente? A rede se enfraqueceu com o afastamento das pessoas? Com quem o adolescente conta?

Levando-se em conta que a droga esteve presente na nossa sociedade e cultura, ao longo de todos os tempos, e que hoje faz parte dos ambientes e situações do dia a dia tanto do adolescente como de sua família, o trabalho de prevenção deve considerar:

- a compreensão dos fatores de risco para o uso de drogas e para o envolvimento em contextos que permeiam o uso, como tráfico de drogas e ambientes de violência.
- fatores de proteção presentes na rede social do adolescente.

Fundamentos da prática de redes sociais nas ações preventivas do uso de drogas no contexto da escola

O processo de reflexão e autoconhecimento do adolescente sobre os fatores de risco e proteção para o uso de álcool e outras drogas é o que o torna mais consciente de suas relações, das relações presentes e das possibilidades de relações futuras.

Uma vez que os fatores de risco se tornam conhecidos, é possível compartilhá-los com amigos, educadores, família, buscando formas e estratégias de transformação.

A prática de redes, direcionada para a compreensão de como os fatores de risco e proteção se articulam nas relações dos adolescentes, situa os educadores de forma ativa e responsável pelo estabelecimento de relações mais saudáveis e protetivas.

Trabalhar a questão do uso de drogas pode gerar um estado de inércia pela complexidade do tema, mas essa inércia pode ser reduzida com um trabalho relacional e o estabelecimento de vínculo com o adolescente: entender sua vida, suas relações, projetos de vida, sonhos.

O tema da droga começa a aparecer, quando antes era velado, escondido, à medida que as relações entre os vários atores da escola vão se ampliando e o adolescente se sente pertencente e acolhido e reconhece, no ambiente escolar, um lugar de transformação.

O envolvimento do adolescente com o “mundo das drogas” exige a compreensão dos motivos que o levam a usar ou abusar das drogas, envolvendo as questões pessoais, as características do produto, a presença de fatores psicossociais em um determinado contexto sócio-histórico.

Nesse sentido, a rede de relações dos adolescentes apresenta uma enorme quantidade de variáveis e seu conjunto torna o adolescente mais ou menos propenso ao uso de drogas ou a outras formas de envolvimento com a droga.

Isso significa que não há como compreender a questão das drogas sem conhecer o adolescente e suas relações e a forma como os diferentes fatores se conjugam em sua rede social.

Por isso, o primeiro passo de uma ação de prevenção é conhecer a rede do adolescente e os fatores de risco e de proteção presentes. Assim, pode-se pensar estratégias para diminuir os fatores de risco e fortalecer os fatores de proteção identificados.

Desse modo, o educador pode auxiliar o adolescente a realizar uma autoavaliação e a se conscientizar sobre o que vem a se configurar como risco e proteção em sua rede pessoal.

Para isso, é importante que o educador amplie o conhecimento das redes sociais de seus alunos em diferentes níveis de sua vida relacional: família, escola, amizades e comunidade.

Redes sociais no contexto da família

A adolescência é o momento familiar em que os pais têm que rever regras, negociar e equilibrar limites e papéis familiares para que não se tornem rígidos demais e nem muito permissivos, sem regras claras e com papéis soltos.

Num sistema familiar com regras e papéis inflexíveis, o adolescente pode encontrar na transgressão e no uso de drogas, o espaço para conseguir se manifestar, ter voz e ser protagonista.

Em contraponto, a falta de limites pela família pode fazer com que o adolescente procure a lei e a interdição fora do ambiente familiar.

Quando os pais têm dificuldades nesse processo, se tornam rígidos ou flexíveis demais e não conseguem estabelecer diálogo com o adolescente, ele pode reagir de forma adversa. É comum os pais acharem que não são mais ouvidos nem levados a sério, o que pode levá-los a se afastarem dos filhos antes que os filhos se afastem dos pais, invertendo os papéis.

Enquanto os pais estão na difícil tarefa de equilibrar as regras familiares, os adolescentes estão buscando autonomia e pertencimento. O adolescente precisa sentir que está à frente de sua vida, que tem autonomia para tomar decisões. Ao mesmo tempo, precisa se sentir pertencente aos grupos de pessoas que se formam à sua volta (amigos, família, escola, comunidade). Quando a família e o adolescente não elaboram bem esses



dois momentos, os adolescentes podem tornar-se muito observadores, não deixando escapar nenhum detalhe quanto às contradições de seus pais, armando-se desse conhecimento para criticá-los. Nessa fase, é preciso que a família crie ou reforce ambientes de diálogos e relações afetivas.

Em termos relacionais, essas questões nos levam a pensar em alguns fatores de risco e proteção, no âmbito familiar, para a questão do envolvimento do adolescente com o uso de álcool e outras drogas:

Proteção	Risco
Sentimento do adolescente de pertencimento e integração ao sistema familiar.	Presença do uso ou abuso de drogas lícitas e ilícitas no ambiente familiar.
Relações harmoniosas com a família.	Relações conflituosas na família.
Presença de diálogo como estratégias para lidar com conflitos.	Presença de violência como estratégia para lidar com conflitos.
Presença de referência de autoridade e limites definidos e respeitados.	Ausência de referência de autoridade e limites definidos e respeitados.
Flexibilidade na negociação de regras familiares.	Rigidez ou permissividade na negociação de regras familiares.
Boas expectativas e investimento familiar em relação ao futuro projeto de vida do adolescente.	Baixas expectativas e baixo investimento familiar em relação ao futuro e projeto de vida do adolescente.
Boas expectativas e alto nível de confiança do adolescente em relação ao sistema familiar.	Baixas expectativas e baixo nível de confiança do adolescente em relação ao sistema familiar.

A forma como a família vai lidar com as tarefas de negociar regras e limites com os adolescentes vai depender de suas características. Nesse sentido, quando situamos a família no estudo dos fatores de risco e proteção para envolvimento do adolescente com as drogas, consideramos importante conhecer suas características culturais, sociais e econômicas.

Apesar de famílias apresentarem, muitas vezes, dinâmicas e características semelhantes, elas possuem particularidades conforme a condição socioeconômica e cultural.

Observa-se, por exemplo, que:

- filhos de famílias de populações pobres podem ser encaminhados ao mercado de trabalho muito cedo;
- algumas etapas da vida como a infância e a adolescência podem ser encurtadas, dependendo do contexto no qual a pessoa está inserida.

Isso ocorre porque o sistema familiar pode não conseguir prover o adolescente quanto à ajuda material, acesso a bens, serviços e outros.

Outro aspecto refere-se às características da comunicação e expressão do afeto no sistema familiar, que engloba tanto a aquisição da linguagem quanto a imitação não verbal, gestual, vocal e das condutas dos pais e outros membros familiares. Assim, a família pode ter diversas formas de expressar o seu afeto: por meio de falas, gestos, sorrisos, ações de cuidados, promoção de ambiente de lazer familiar.

Em famílias que apresentam dificuldades em expressar afeto, o envolvimento do adolescente com drogas pode funcionar como uma comunicação sobre a forma da família se relacionar, uma denúncia de problemas no sistema familiar.

Redes sociais no contexto da escola

Como a abordagem das redes sociais dos adolescentes constitui uma efetiva estratégia de prevenção, desenvolvemos um instrumental e uma metodologia de mapeamento que facilita aos educadores e aos próprios adolescentes adentrar na avaliação dos fatores de risco e dos fatores de proteção presentes nas redes sociais.

Esse diagnóstico poderá fundamentar a abordagem preventiva, o que vai gerar ações junto à família, ao grupo de amigos, ou junto à comunidade e, principalmente, junto ao próprio contexto da escola.

Citamos, a seguir, alguns fatores de risco e alguns fatores de proteção que o educador pode observar, pois estão presentes tanto nas relações pessoais do aluno com a escola, como nas relações com o educador e com a escola como parte da comunidade.

Pertencimento escolar

Fatores de risco	Fatores de proteção
Vivência de exclusão nas relações escolares.	Pertencimento e valorização do aluno pela escola.
Incoerência na exigência de cumprimento das regras na escola.	Presença de regras claras e referências de autoridade na escola.
Ausência de relações de cooperação entre a família e a escola.	Relação de cooperação entre a família e a escola.

Relação educador-aluno

Fatores de risco	Fatores de proteção
Insensibilidade e distanciamento na relação professor-aluno.	Relações de respeito entre educador e aluno.
Frustração e pressão diante das experiências de aprendizagem.	Experiências positivas de aprendizagem.
Desmotivação e desengajamento em relação às atividades escolares.	Estímulo e motivação para as atividades escolares.

O espaço da escola e fronteiras com a comunidade

Fatores de risco	Fatores de proteção
Proximidade da rede de distribuição de drogas com a escola.	Realização de programas de prevenção do envolvimento com drogas pela escola.
Relações com os colegas usuários de drogas dentro da escola.	Mobilização e conscientização para conhecimento sobre a realidade de consumo na escola.
Ausência de conhecimento e controle da escola sobre a presença de drogas.	A escola como ambiente seguro e protetor.

(Re) Significação do trabalho

Fatores de risco	Fatores de proteção
Realização de trabalho em condições adversas, como: atividades ilícitas e trabalho infantil.	Oportunidades concretas para a inserção profissional do adolescente.

Redes sociais no contexto das amizades/namoro

A observação das interações de grupos de jovens no contexto da amizade e do namoro fornece ao educador informações fundamentais que podem, assim, compreender a força da coesão grupal nessas duas circunstâncias.

Pertencimento a grupo de amigos

Fatores de risco	Fatores de proteção
O adolescente não conseguir pertencer a nenhum grupo de amigos.	O adolescente se sentir pertencente a grupos de amigos.
O adolescente só pertencer a grupos com predominância de hábitos não saudáveis.	O adolescente pertencer a grupos com predominância de hábitos saudáveis.

Características dos grupos de amigos

Fatores de risco	Fatores de proteção
Grupo com regras muito rígidas e papéis hierarquizados.	O grupo que dá espaço ao adolescente para se manifestar, ser protagonista.
Grupo violento.	Grupo que não precisa recorrer à violência para solucionar problemas.

Veiculação da droga no contexto das amizades

Fatores de risco	Fatores de proteção
Grupos cujos ambientes de lazer envolvem uso de drogas.	Grupo com ambientes de lazer saudáveis, sem uso de drogas.
Grupo envolvido com tráfico de drogas.	

Redes sociais no contexto da comunidade

A dimensão comunitária envolve o ambiente físico no qual o adolescente está inserido no seu dia a dia, ou seja, sua vizinhança, seu bairro e outros espaços de congregação que ele considera como parte de suas relações comunitárias.

Nesse sentido, o espaço comum, de convivência, desde o ambiente familiar até a rua onde mora, a praça e outros espaços do bairro e cidade onde reside, compõem sua noção de comunidade.

Outra dimensão da comunidade é a inserção ou pertencimento a grupos e congregações de diferentes naturezas, que compartilhem credos, crenças, atividades e ações comuns, como igrejas, grupos de dança, grupos de estudo, ONGs.

Na comunidade, o adolescente percebe como é seu acesso a serviços disponíveis e bens de consumo compartilhados e cobiçados pela sua comunidade. Portanto, o adolescente é constantemente incentivado ao consumo de roupas, músicas, revistas, bares, espaços virtuais, entre outros.

É comum a construção da imagem do adolescente ideal como aquele que melhor consome e propõe consumo. Com frequência, o adolescente pode usar a droga na identificação de novos ideais, grupos e congregações sociais.

Pertencimento comunitário

Fatores de risco	Fatores de proteção
Fácil acesso a drogas e violência na comunidade.	Acesso a espaços de lazer, convívio, circulação.
Comunidade com forte apelo de consumo.	Acesso a bens e serviços.

Considerações finais

A proposta aqui não é lutar contra as drogas e sim contra os fatores de risco que colocam o adolescente em vulnerabilidade para o uso de drogas.

Se por um lado é impossível vivermos ou oferecermos aos nossos filhos uma sociedade sem drogas, está em nosso pleno alcance a possibilidade e a decisão de construirmos uma sociedade mais preparada para o enfrentamento dos problemas gerados pelo crescente uso de álcool e outras drogas.

Cada um de nós pode contribuir para evitar os fatores de risco sociais e econômicos que favorecem o consumo e a oferta de drogas.

A prevenção do uso de drogas, ao mesmo tempo em que deve destacar o importante papel da família e da escola, não pode deixar de considerar o contexto maior do qual fazem parte.

Além de uma postura preventiva e educativa na família e na escola, espera-se uma postura política, pois urge na sociedade brasileira que se desenvolvam uma consciência e uma posição crítica em face dos fatores de risco do contexto em que se inserem a família e a escola, entre os quais destacamos:

- a miséria, que pode incentivar nossos jovens e crianças a se tornarem pequenos traficantes;
- o abandono afetivo, que deixa espaço para o apego às drogas;
- o consumismo, que reconhece como sujeito apenas aquele que compra o último produto do mercado;
- a luta contra a desumanização do ser humano, que pode encontrar nas drogas refúgio para sentir alguma emoção;
- a luta contra o individualismo, que pode remeter o jovem ao grupo de consumo de drogas na ilusão de viver uma coletividade;
- a luta contra a performance da perfeição, que exige cada vez mais do homem e pode remetê-lo ao estímulo químico para ampliar suas energias e sua competência, que paradoxalmente o esgota e o submete.

A SENAD, em sua Semana Nacional sobre Drogas de 2004, teve como tema as REDES SOCIAIS, com um *slogan* interessante: *Gente depende de gente! Juntos temos mais força!* É disso que precisamos. De gente e de uma política que tenha a coragem de assumir que é nas relações que nos construímos como seres humanos. Não se trata de salvar os seres humanos das drogas, trata-se de assumir nosso lado humano em todos os sentidos para resgatarmos a nossa própria humanidade.

Gente precisa de gente. Nesse princípio baseia-se a proposta das redes sociais, pois se reconhecemos a nossa condição primeira como seres humanos, o que vamos procurar são nossas redes sociais, nossos laços, nossos vínculos, nossa vontade de estar com o outro.

Referências

- ALBERTANI, H. A escola e o uso de drogas. In: *Tá na roda*, uma conversa sobre drogas. São Paulo: Fundação Roberto Marinho e Secretaria Estadual de Educação/São Paulo, 2003.
- ALMEIDA, F. N. et al. Estudo multicêntrico de morbidade psiquiátrica em áreas urbanas brasileiras. *Revista ABP-APAL*, São Paulo, 14(3), 1992, p. 93-104.
- ALMEIDA, M. M. *Construção de uma proposta de avaliação dos fatores de risco e de proteção para o uso de drogas no contexto das redes sociais, de adolescentes em conflito com a lei*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS DEPARTAMENTOS DE TRÂNSITO. (ABDETRAN). *Impacto do uso do álcool e outras vítimas de acidente de trânsito*. Brasília: Cetad/Raid, 2007.
- BEAGLEHOLE, R.; BONITA, R.; KJELLSTROM, T. *Epidemiológica básica*. Washington: Organización Panamericana de la Salud, 1994.
- CARLINI MARLATT, B. Estratégias preventivas nas escolas. In: SEIBEL, S. D.; TOSCANO, A. (Org.). *Dependência de drogas*. São Paulo: Atheneu, 2001. p. 191-197.
- CARLINI, E. A. *II Levantamento Nacional Sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras* – 2004. Brasília: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID). Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina e Secretaria Nacional Antidrogas, 2004.
- CARLINI, E. A. et al. *II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país* – 2005. Brasília: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID). Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina e Secretaria Nacional Antidrogas, 2006.
- _____. *II Levantamento nacional sobre o uso de psicotrópicos entre estudantes de 1º e 2º graus* – 1989. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID). Departamento de Psicologia da Escola Paulista de Medicina, 1990.
- _____. *Levantamento nacional sobre o uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua nas 27 capitais brasileiras* – 2003. Brasília: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID). Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina e Secretaria Nacional Antidrogas, 2004.
- CARLINI-COTRIM, B. Drogas na escola: prevenção, tolerância e pluralidade. In: ADIALA, J. G. (Org.) *Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998. p. 19-30.
- _____. Movimentos e discursos contra as drogas: o caso da sociedade norte-americana. *Revista ABP-APAL*, São Paulo, 17(3), 1995, p. 93-101.
- CARLINI-COTRIM, B. et al. *Consumo de drogas psicotrópicas no Brasil*, 1987. Centro de Documentação do Ministério da Saúde (Série C: Estudos e Projetos, 5), 1989.
- COLLE, F. X. *Toxicomanias, sistemas e famílias*. Tradução de M. J. Pereira. Lisboa: Climepsi, 2001.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE, Secretaria do Ensino Fundamental (SEF). *Parâmetros Curriculares Nacionais 5ª a 8ª série*. Temas transversais: Saúde, Brasília, 2000.
- PRADO, D. *O que é família?* Brasiliense: São Paulo, 1982.
- SLUZKI, C. E. *A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SCIVOLETTO, S. *Abuso e Dependência de Drogas*. In: SAITO, M.I.; SILVA, L. E. V. (Org.) São Paulo: Atheneu, 2001. p. 365-385.

SUDBRACK, M. F. O. Terapia familiar sistêmica. In: SEIBEL, S. D.; TOSCANO Jr., A. (Org.). *Dependência de drogas*. São Paulo: Atheneu, 2001. p. 403-415.

SUDBRACK, M. F. O.; PEREIRA, S. E. N. F. *Adolescentes e drogas no contexto da Justiça*. Brasília: Editora Plano, 2003.

ZEMEL, M. L. S. *O papel da família no tratamento da dependência*. Imesc, São Paulo, 2001, v.2, p. 43-63.